e-scrita ISSN 2177-6288

V. 15 – 2024.2. CONCEIÇÃO, Douglas R. da

HIEROFANIAS AMAZÔNICAS EM DALCÍDIO JURANDIR: UMA POÉTICA DA NATUREZA

Douglas Rodrigues da Conceição[1]

RESUMO: Partindo do romance *Chove nos campos de Cachoeira* de Dalcídio Jurandir, nome incontornável da romanesca de dicção amazônica dentro do século XX, sob a iluminação do pensamento de Gaston Bachelard e de Mircea Eliade, o presente ensaio propõe a constituição de uma poética da natureza a partir da dimensão cosmológica das chuvas na referida obra. Tem-se como pressuposto que a poética dalcidiana no romance de 1941 nos desvela, em escala onto-cosmológica, uma valoração hierofânica das chuvas que torrencialmente caem no mundo marajoara imaginado de Dalcídio Jurandir.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; mundo marajoara; hierofanias.

AMAZONIAN HIEROHANIES IN DALCÍDIO JURANDIR: A POETICS OF NATURE

ABSTRACT: This essay, centered on Dalcídio Jurandir's novel *Chove nos Campos de Cachoeira*, a crucial work in the Amazonian literary canon of the 20th century, draws upon the theories of Gaston Bachelard and Mircea Eliade to propose a poetics of nature rooted in the cosmological significance of rain. The analysis posits that Jurandir's 1941 novel reveals, on an onto-cosmological scale, a hierophanic appreciation of rain as it torrentially falls upon the imagined Marajoara world of the author.

Keywords: Dalcídio Jurandir; Marajoara world; hierophanies.

Introdução

> "La nue attrape de près la terre et descend sur elle
> serré et bourru, d'une attaque puissante et profonde…"
> *Paul Claudel*, 1897.

Se as preocupantes crises ambientais do mundo atual, é certo, colocam a Amazônia no centro das atenções e se as suas dinâmicas socioculturais, sob o signo do exótico, fascinam os olhares externos, também não se pode perder de vista que, desse mesmo mundo, marcado por sua extrema complexidade, emergem esforços compreensivos articulados a partir da experiência nativa dos seus próprios intérpretes e dos seus aedos. Existe, portanto, uma

[1] Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Realizou pós-doutorado pela Université Paris Nanterre. É professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA), onde atua como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Membro do Grupo de Pesquisa Poéticas da Diversidade (UERJ). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5215-7291 E-mail: abismos@gmail.com

Amazônia que aparece por meio da imaginação nativa e que se projeta nos mais diversos tecidos da linguagem. Ana Pizarro nos recorda: a "...Amazonía es ocupada sobre todo por la imaginación" (PIZZARO, 2005, p. 62). O trabalho da imaginação em perspectiva amazônica, em sua sede de linguagem, manifesta-se desde as mitologias dos povos autóctones e dos pajés às criações literárias (orais e escritas), plásticas e musicais dos pajés, poetas, ficcionistas e artistas.

Quando um poeta nativo como João de Jesus Paes Loureiro fala em "função mágica" (PAES LOUREIRO, 1995, p. 118) para se referir ao mundo natural amazônico, não se evoca outra coisa senão o inevitável encontro de uma complexa fisiografia com aquele que a recepciona e a reelabora a partir de sua própria "mundamazonividência" (PAES LOUREIRO, 1975, p. 5). A evocação do cosmos amazônico sob sua transfiguração em realidade outra evidencia a existência de uma relação mais íntima e mais profunda desse mundo com o ser que assim o recria. Pela imaginação criadora amazônica, atesta-se a existência da terra, dos rios, das vegetações em outra escala. Dito de outra forma, tal intimidade testemunha o irrefreável movimento da imaginação em "fouiller la matière" (BACHELARD, 1948b, p. 3). Que se admita desde já: quando a imaginação se manifesta nos mais diversos tecidos da linguagem, não se trata, pois, de uma transcrição do dito real.

É assim que o elemento água emerge, insistentemente, de modo fulgurante nas cosmogonias e cosmologias amazônicas, nos mitos ameríndios, nas narrativas ribeirinhas e na poesia nativa do mundo amazônico. Na cosmogonia do povo Macuxi, a água se revela como elemento primordial, portanto, preexistente à criação de todas as coisas: "No princípio, contam, só havia água" (AMORIM, 1987, p. 203), diz o mito Macuxi coligido por Antonio Brandão de Amorim. Pela dicção mundamazônica, demonstra-se, pelos diversos documentos da linguagem, a transfiguração das zonas profundas dos rios em encantarias amazônicas, habitação dos seres encantados humanos ou não-humano (cf. PAES LOUREIRO, 2008, p. 7-17). Projeta-se uma cosmologia que comporta a existência de um mundo subaquático, mundo das funduras, que o poeta João de Jesus Paes Loureiro nomeia de olimpo submerso. Transformado em encantaria, o rio é revestido de uma tonalidade que o desloca, que o faz ultrapassar a sua existência física na fisiografia amazônica imaginada. Transfigurado em encantaria, tem-se o rio não como "rio de uso" (PAES LOUREIRO, 2008, p. 16) ou como parte da paisagem amazônica, mas o rio em estado metamórfico, um ente de mistério.

O que resulta dessa mundamazonividência e que se decanta nos múltiplos tecidos da linguagem faz, então, da água um elemento central. No caso das encantarias, vale enfatizar, são as águas dos rios que, em suas propriedades mais ostensivas, aparecem na sedenta imaginação amazônica. Como seria possível dispensar a característica turbidez das águas amazônicas de uma possível provocação que essas mesmas águas podem promover sobre a imaginação, que, a partir desse continente, põe-se em atividade? Intuo, assim, que as águas transparentes, muito embora também se ofereçam a ela, desafiam menos a imaginação. As encantarias se substancializam pelo viés da verticalidade, da profundidade, da transdescendência, e daí provém sua tonalidade misteriosa, transcendente (diria João de Jesus Paes Loureiro), que excede a toda realidade usual do rio. Sendo apenas corrente, o rio enquanto rio encerra-se na sua horizontalidade. Mas a turbidez das suas águas, isto é, aquilo que ostensivamente habita à "epiderme" dos rios amazônicos, talvez seja um dos elementos indispensáveis ao desencadeamento, pela imaginação, da sua transfiguração em encantaria. Não se pode enxergar o que há no interior e no fundo das águas turvas. Para João de Jesus Paes Loureiro, as encantarias, habitação dos encantados ou "deuses da cultura amazônica" (PAES LOUREIRO, 2008, p. 7-8), no plano de uma teoria poética, comportariam conceitualmente uma dimensão dupla, qual seja a estético-religiosa. É dessa mirada que João de Jesus Paes Loureiro, enquanto teórico do mundo amazônico, mas também aedo desse mundo, sinaliza com vívida nitidez o que posso chamar de revestimento hierofânico da natureza. Sob o prisma das encantarias, as águas dos rios amazônicos se apresentam como chaves indispensáveis de uma cosmologia da qual emergem como nítidas hierofanias[2] (ELIADE, 1964, p. 15-46). Dito de outra maneira, as águas amazônicas nos abrem as portas de um mundo sacralizado. É desse ponto que lanço o meu olhar para as águas da poética de Dalcídio Jurandir, no romance *Chove nos campos de Cachoeira.*

1. As chuvas no mundo amazônico-marajoara imaginado...

"...nenhuma coisa é onde falta a palavra"

[2] Para Mircea Eliade, uma hierofania seria tudo aquilo que em escala ontológica, revestindo de sacralidade como sua qualidade, alcança o estatuto de sagrado. Cf. ELIADE, Mircea. *Traité d'histoire des religions*. Paris: Payot, 1964.

Na perspectiva das vozes nativas do mundo amazônico, aedos como Dalcídio Jurandir e João de Jesus Paes Loureiro, operando imaginativamente, desprendem do elemento material água o que Gaston Bachelard chamaria de imagens substanciais. Não estando tão longe de Bachelard, quando Mircea Eliade concebe a possibilidade de um cosmos cujos elementos se hierofanizam, ele atesta, antes, o surgimento de uma dimensão de valor, em escala ontológica, para tudo aquilo que constitui um tal cosmos. É dessa maneira que, em cada elemento do mundo natural, no seu devir pela imaginação e pela linguagem, encontra-se latente o transparecimento dos seus respectivos estados hierofânicos. Isto é: de aparecerem como hierofanias cósmicas.

Neste breve ensaio – seria mais justo dizer nesta *causerie* –, eu desejaria evocar o primeiro livro do chamado *Ciclo do Extremo Norte*, o romance *Chove nos campos de Cachoeira*, de 1941, de Dalcídio Jurandir. Obra que o projetou para o mundo da literatura (o romance logrou sua publicação após a obtenção do primeiro lugar no respeitado concurso literário promovido pela Vecchi Editores) e que se tornou o umbral do *Ciclo do Extremo Norte*, esse romance ocupa, portanto, um lugar destacado no legado poético dalcidiano.

Nascido em 10 de janeiro de 1909, na vila de Pontas de Pedras, na ilha do Marajó[3], o que realça ainda mais a sua condição nativa em relação à Amazônia, Dalcídio Jurandir não cessou de estabelecer com o mundo marajoara, em particular, uma relação íntima. A afinidade de Dalcídio Jurandir com a criação verbal não findou com a sua romanesca. Também poeta, ensaísta, jornalista e missivista, Dalcídio fez do mundo das palavras o seu mundo. Deixou a vida em 1979, na cidade do Rio de Janeiro, onde vivia desde 1941.

No que tange à poética do elemento água em Dalcídio Jurandir, o belo trabalho de Paulo Nunes (1998) deve ser lembrado. Centrando-se também no romance de 1941, *Chove nos campos de Cachoeira*, Paulo Jorge Martins Nunes propôs o conceito de "aquonarrativa" como chave da poética dalcidiana. Na premissa por ele admitida, tal como a compreendi, o conceito de aquonarrativa nasce da postulação de que o romancista é um autor "dos encharcados amazônicos, da abundância narrativa" (NUNES, 2001, p. 41). O romance, marcado pela lentidão, pelo retardamento do enredo e pela presença de digressões, reconstitui narrativamente, na perspectiva de Nunes, o ritmo do fluxo e refluxo das marés dos rios (NUNES, 1998, p. 66).

[3] NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir*: romancista da Amazônia. Belém; Rio de Janeiro: SECULT; Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

E é a partir desses elementos narratológicos que Paulo Nunes constata certa inundação do leitor, que por sua vez, estando encharcado, cede "ao torpor da narrativa, ao mormaço dos campos de Cachoeira" (NUNES, 1998, p. 66). O romance de 1941, assim postula Nunes, poetiza a linguagem sob a face de uma "narrato-poética das águas amazônicas" (2001, p. 41), que, pela leitura – por minha conta, diria efeito de leitura –, encharca o leitor.

A leitura empreendida por Paulo Nunes centra-se, portanto, no que se poderia chamar de narrato-fluviosidade do romance. A minha leitura se volta, porém, a uma "hieropoética" da pluviosidade. O rio é um elemento plenipotente na imaginação amazônica, mas, no romance de 1941, são as chuvas que assumem essa plenipotência. Ou seja, no romance *Chove*, as chuvas governam o cosmos e a vida.

Sob a ótica que adoto, as chuvas no *Chove* concentram, assim, em suas valências ou tonalidades, caracteres hierofânicos distintos. Se no romance as chuvas se revelam, como veremos mais adiante, como elemento vital, fecundante, maternal, nas primeiras páginas do romance elas aparecem, sob a face do assombro e do sentimento da impotência que provocam, como águas da morte. Da elevação desse estado de assombro em D. Amélia deriva o silencioso desejo de ver Alfredo longe da vida marajoara, porque "podia acontecer que morresse nas águas que as grandes chuvas trazem para Cachoeira em março" (JURANDIR, 1976, p. 20).

Outras tonalidades das chuvas se revelam no romance. Elas assumem um lugar proeminente na poetização de uma cosmogonia marajoara dalcidiana. O romance dalcidiano faz aparecer o ciclo cósmico da vila de Cachoeira, que é demarcado pela ausência ou pela chegada das grandes chuvas. É assim que Cachoeira é poeticamente imaginada como um território cosmizado (ELIADE, 1965 p. 34), no qual a repetição de uma cosmogonia, isto é, a emergência incessante de um mundo ordenado, configura-se e se estabelece. Na vila de Cachoeira, os níveis cósmicos telúrico e aquático se comunicam.

Protagonizadas pelas chuvas, que evocam igualmente as forças cósmicas celestes, as imagens cosmogônicas no romance apresentam um mundo regido, como já foi dito, por uma ciclicidade. Quando a vila de Cachoeira submerge sob a força das grandes águas das chuvas, "Cacheira que ficava no inverno com os campos debaixo d'água..." (JURANDIR, 1976, p. 125), é ao redor do chalé da família de Alfredo que um outro mundo marajoara se ordena. Assim, a imagem dos campos que ficam submersos em razão das águas que vêm do céu reconstitui, no

ciclo cósmico marajoara do romance, o encontro do celeste com o telúrico. "O chalé é agora uma ilha" (JURANDIR, 1976, p. 233), uma espécie de *axis mundi*. Ao demarcarem uma temporalidade que oscila entre a desintegração e a renovação de um mundo, essas imagens que se desprendem do romance me trazem à lembrança aquilo que Mircea Eliade chamou de regressão periódica do mundo a uma modalidade caótica (ELIADE, 1965, p. 72). A imersão nas águas, argumenta Eliade, não se equivale a uma extinção definitiva, mas sim a uma reintegração passageira do indistinto, seguida de uma nova criação. No romance *Chove*, com a chegada das chuvas, o que promove temporariamente uma dissolução da paisagem, recria-se um mundo que aparentemente se desintegra e que se regenera, que se "desfigura" e se "configura" incessantemente. No romance, vem de Major Alberto, pai de Alfredo, a voz que anuncia a chegada das chuvas: "*Ó que aspérrimo Dezembro*" (JURANDIR, 1976, p. 58, 221, 224) – é o que repete Major Alberto quando as grandes chuvas se apoderam, inundam Cachoeira e encharcam os seus campos.

Submersos, os campos se transmutam, alteram-se e desaparecem temporariamente. A vila de Cachoeira se dissolve. Um outro mundo se forja com a inundação da paisagem marajoara, e assim uma cosmogonia própria se instaura. "Por ali, a princípio, quando chegavam as grandes chuvas" (JURANDIR, 1994, p. 7), diz o romance *Três casas e um rio*[4], se "via os sapos saltando na lama, esta e aquela borboleta de misteriosa cor e procedência, o bico esquivo da derradeira galinha aproveitando os últimos minutos do chão há pouco poeirento onde ciscava..." (JURANDIR, 1994, p. 7). Nos campos submersos, os "peixes boiam n'água..." (JURANDIR, 1976, p. 240) e "os morurés florescem entre os peixes" (JURANDIR, 1976, p. 21).

A vida que oscila entre os regimes cósmicos telúrico e aquático perde o primeiro dos seus horizontes quando as chuvas caem. Com a chegada das águas que vêm do céu, o telúrico deixa de demarcar as descontinuidades da paisagem. Os campos de Cachoeira, diz o narrador do romance *Chove*, "vinham de longe olhar as casas das vilas à beira do rio..." (JURANDIR, 1976, 1976, p. 25). Agora, tudo é água. O rio Arari e os campos se tornam indistintos. A paisagem se converte em um *continuum* espacial dominado por chuvas que descem com desenfreada força e que batem "com violência na janela do chalé" (JURANDIR, 1976, p. 58) do major Alberto, avisando, assim, a sua presença. Inundado pelas chuvas que caem sobre a

[4] O romance *Três casas e um rio*, publicado em 1958, compõe um conjunto de obras de Dalcídio Jurandir denominado pelo próprio romancista de *Ciclo do Extremo Norte*.

vila, o Arari, "...estreito e raso no verão, transbordando nas grandes chuvas" (JURANDIR, 1994, p. 5), pela mesma fenda por onde era espiado pelo menino Alfredo, vinha espiar "o telhado sem forro, a corda de roupa rente da janela fechada que dava para a despensa, aquele alguidar cheio d'agua para apanhar as caturras, à luz do candeeiro na mesa de jantar" (JURANDIR, 1994, p. 7). Com a chegada das chuvas, "os campos encheram, os gogozeiros carregaram-se de frutos, o Arari transbordou..." (JURANDIR, 1976, p. 81).

Instaura-se, pelo romance, uma dinâmica cósmica na qual as chuvas revelam sua força fecundante, germinativa e restauradora, demarcando, no ciclo de sua repetição, um novo nascimento da paisagem da vila marajoara, que se transfigurará novamente com a chegada da próxima estação seca. Os campos que queimam pela força do fogo durante a estação seca e que esfumaçam a vila de Cachoeira são parte da paisagem que se afunda nas águas das grandes chuvas. A "chuvarada de abril", que "estalava no telhado do chalé" e varria os campos", e que fazia com que tudo ficasse "branco de água", era a mesma que, ao cair sobre Cachoeira, ia "cobrindo os campos" (JURANDIR, 1976, p. 175), "tufando o rio, dando aquele verde lustroso no mato..." (JURANDIR, 1976, p. 176). "Os campos ficam verdes e se deixam ficar dentro d'água e os morurés florescem entre os peixes" (JURANDIR, 1976, p. 21). "Agora a terra húmida é mais linda"[5].

Encharcando os campos, fazendo o "verde bonito e lustroso..." (JURANDIR, 1976, p. 176) despontar, aplacando a incandescência e a sede da terra, sendo seiva nutritiva para o Arari, revelando sua face fecundante, germinativa, materna e regenerativa, as chuvas demostram sua força. É pela força fecundante das chuvas que a germinação da vida verde emerge da terra seca e que se esfumaça. Eliade diria que nessa imagem habita uma simbolização erótico-cosmogônica constituída pelo par Céu-Terra (ELIADE, 1964, p. 168). As chuvas protagonizam a reinstauração incessante do ciclo da vida na vila de Cachoeira. Do plano cósmico ao plano humano, as águas inundam, dissolvem e regeneram, trazem a morte e a vida, apodrecem os homens, fendem, penetram, purificam e curam. Em sua tonalidade curativa e regeneradora, as

[5] Verso de um poema, ainda inédito, que compõe o Acervo de Dalcídio Jurandir no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. A menção do respectivo verso no presente texto se deve à imensa generosidade da família de Dalcídio Jurandir, que me concedeu a devida autorização. Registro o meu mais profundo agradecimento à família do autor de *Chove nos campos de Cachoeira*, na pessoa de seu neto Roberto Gomory. Aproveito a ocasião para agradecer, imensamente, aos/às servidores/as do AMLB, da FCRB, e o faço na pessoa de Luís Felipe Dias Trotta. Agradeço, igualmente, às seguintes instituições pela colaboração que, de formas diversas, prestaram à pesquisa da qual deriva este texto, ainda informe: CAPES, UEPA, Sorbonne Université, FCRB, Fundação Biblioteca Nacional (BN) e Real Gabinete Português de Leitura (RGPL).

águas das grandes chuvas lavam a marca do fogo no campos. É do interior das águas, em sua face germinativa, que a imaginação de Alfredo faz a jovem Clara ressurgir para vida após sua misteriosa morte no Araquiçaua. Ao "aparecer com as grandes chuvas, entre os matupiris e mururés" (JURANDIR, 1976, p. 149), Clara, como que transformada em um encantado, revivia na imaginação de Alfredo. Clara poderia vir "pela água com o vestido pesando, as sanguessugas agarradas nas pernas com o sorriso cheirando a bacuri e a boca cheia de resina" (JURANDIR, 1976, p. 149). Reconstitui-se nessa cena do romance uma forma de hilogenia, no sentido eliadiano.

No romance, é a gravidez de Irene que concentra de modo mais nítido a substancialidade fecundante, germinativa e maternal das chuvas.

> Vinha a chuva.
> E quando, sob a chuva, a noite chegou, Irene também chegou.
> (JURANDIR, 1976, p. 241)

O ventre de Irene, "que crescia vagaroso como a enchente" com a chuva que estava caindo sobre os campos, arrasta Eutanázio ao princípio do mundo, à cena da criação... "Estava vendo ali a Criação, a Gênesis, a Vida". O ventre de Irene "era como a terra no inverno" (Dalcídio Jurandir, 1976, p. 241).

> Seu ventre recebeu o amor como uma terra. Como a terra dos campos de Cachoeira recebia as grandes chuvas. (JURANDIR, 1976, p. 241-242).

A gravidez de Irene era a "gravidez de terra inundada" (JURANDIR, 1976, p. 242). As chuvas que fecundam a terra em Cachoeira e que trazem para Irene o filho eram as mesmas chuvas que deixavam tudo "branco de água" (JURANDIR, 1976, p. 175). Não pela transparência das chuvas, e sim sua pela translucidez, aparência que confere à matéria água uma tonalidade láctea, o poeta nos revela a imagem de um dilúvio de leite, diria Bachelard. A imagem acionada pelo poeta, que revela a tonalidade lácteo-nutritiva das chuvas

> ...que despencam
> Sobre a avidez floral dos solos planturosos...[6]

e que ofusca, opaliza o horizonte com a sua brancura, encharca, nutre a terra e que faz o verde dela germinar, permite-lhe a justaposição de uma outra imagem. O duo *áqueo-lácteo* associa-se ao duo *seio-terra*. Assim como a terra se encharcava com as grandes chuvas, os peitos de

[6] Versos do poema inédito.

Irene "cresciam, se enchiam de leite como os das vacas". Quando o romancista libera, pela "poiesis", a imagem pela qual torna presente o matiz lácteo da chuva, ele nos desvela, antes e mais profundamente, essa tonalidade maternal, feminina, geradora e mantenedora da vida que as chuvas comportam no romance *Chove*. Nada mais íntimo do feminino e da sua substancialidade maternal. Bachelard é preciso: "...L'eau qui désaltère l'homme la terre" (BACHELARD, 1942, p. 168).

No que tange à poética de Dalcídio Jurandir, e estando distante da intenção de rejeitar ingenuamente a perspectiva dos intérpretes que enxergam em sua obra tão apenas o trabalho exemplar daquele que em milimétricos detalhes descreve um mundo que se apresenta ao seus olhos, eu diria o seguinte: o autor de *Chove no campos de Cachoeira* cria sob a possessão daquilo que Bachelard chamou de imaginação material (BACHELARD, 1942). A criação poética, à qual Dalcídio Jurandir nos permite algum acesso pela sua amazoníada[7] de 1941, ativa-se pela não contenção, pela vazão da força da imaginação material e não pelo desejo da posse do real. A beleza e a força da poética dalcidiana não derivam de uma atividade de transcrição do mundo dito marajoara. São certos naturalistas e certos etnógrafos que, em suas armaduras, alimentam-se, e não os poetas, do vão desejo de "transcrição" do que veem. No *Chove*, vemos a criação literária cumprir o desígnio de "réanimer un langage en créant de nouvelles images" (BACHELARD, 1948a, p. 6).

2. Considerações finais

As chuvas no romance *Chove* a tudo condicionam sem serem condicionadas a nada. Eleva-se aí, portanto, uma outra tonalidade da chuva – primordial eu diria – , que seria a sua incondicionalidade. Nada escapa às chuvas no romance. Elas se constituem como uma força ordenadora de um cosmos. As chuvas dissolvem a paisagem de Cacheira, assombram D. Amélia, aniquilam a força desintegradora do fogo, nutrem e regeneram os campos esfumaçados, inundam o rio Arari, enfeitiçam e fascinam Alfredo, fazem Clara ressurgir, apodrecem os campos verdes, os homens e trazem a gravidez de Irene. Tudo parece estar sob a regência da plenipotência das chuvas. Do apodrecimento dos campos verdes e dos homens (força desintegradora) à eclosão da vida vegetal e humana (força geradora), tudo é, regenera-se e *vem-a-ser* com as chuvas. Elas desvelam no romance, e sem qualquer traço teomorfo diga-se, a sua

[7] Apresento, provisoriamente, a noção de amazoníada com o objetivo de constituir uma categoria cuja definição seja capaz de abarcar qualquer tecido da linguagem que "cante" ou evoque o mundo amazônico.

dimensão irredutível, irrefreável e indomesticável. No poema poema-epitáfio dedicado ao amigo de Pontas de Pedras, Carlos Drummond de Andrade, fazendo reverberar tal condição onto-cosmológica das chuvas, escreve:

> Nos campos de Cachoeira-vida
> Chove irremissivelmente (DRUMMOND DE ANDRADE, 1984, p. 98)

O romance *Chove* apresenta-se, ao meu olhar, como uma expressão da imaginação amazônica a partir da qual um mundo marcado pelo hierofânico se constitui. Esse mundo *hierofânico-marajoara* poetizado, e que pela imaginação dalcidiana nos é oferecido, torna-se acessível pelas dinâmicas cosmológicas instauradas pelas chuvas que caem sobre a vila de Cachoeira. Benedito Nunes, esse inesquecível *magicien* do pensamento e da crítica literária, foi quem percebeu sublimemente a existência de oscilações no chamado Ciclo do Extremo Norte. A "poetização do rural" (cf. NUNES, 2006, p. 245-251), uma das polaridades estabelecidas pelas oscilações enxergadas por Benedito Nunes, nos faz ver com mais nitidez que no romance *Chove nos campos de Cachoeira*, obra que instaura o Ciclo do Extremo Norte, a imaginação dalcidiana opera em favor da aparição de um mundo arcaico, um mundo sacralizado.

3. Referências bibliográficas

AMORIM, Antonio Brandão de. *Lendas em nheengatu e em português*. Manaus: Fundo Editorial-ACA, 1987.

BACHELARD, Gaston. *L'eau et les rêves*. Essai sur l'imagination de la matière. Paris: Librairie José Corti, 1942.

BACHELARD, Gaston. *La terre et les rêveries de la volonté*. Paris: Librairie José Corti, 1948a.

BACHELARD, Gaston. *La terre et les rêveries du repos*. Paris: Librairie José Corti, 1948b.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

ELIADE, Mircea. *Traité d'histoire des religions*. Paris: Payot, 1964.

ELIADE, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris: Éditions Gallimard, 1965.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Cátedra, 1976.

JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e um rio*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1994.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Orgs.). *Dalcídio Jurandir*: romancista da Amazônia. Belém; Rio de Janeiro: SECULT; Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

NUNES, Benedito. Dalcídio Jurandir: as oscilações de um ciclo romanesco. In: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Orgs.). *Dalcídio Jurandir*: romancista da Amazônia. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/ Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

NUNES, Paulo. *Aquonarrativa*: uma leitura feita de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. 1998. 93f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Artes. Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.

NUNES, Paulo. *Aquonarrativa*: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. Belém: UNAMA, 2001.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *O remo mágico*. Belém: Editora Sagrada Família, 1975.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *Cultura amazônica*: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. *A arte como encantaria da linguagem*. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

PIZARRO, Ana. Imaginario y discurso: la Amazonía. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Lima-Hanover, ano 31, n. 61, p. 59-74, jan. /jun. 2005.

Recebido em : 02/10/2024.

Aceito em : 10/11/2024.